

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA VINHA NO ESTADO DE SÃO PAULO

A REGIÃO DE JUNDIAÍ

DIRCEU LINO DE MATTOS

Em concurso à cátedra de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; em que obteve a respectiva Livre-Docência, o prof. DIRCEU LINO DE MATTOS, sócio efetivo da A.G.B. e professor de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas daquela Universidade, apresentou uma tese a respeito dos vinhedos e vicultores de São Roque e Jundiaí (Estado de São Paulo).

O que se vai lêr, nada mais é que uma parte desse trabalho e refere-se à região de Jundiaí.

Explicação. — Em trabalho publicado neste "Boletim", em seu número de março de 1950 (1), tivemos oportunidade de focalizar a região vitícola de São Roque, procurando dar uma idéia geral das condições em que a mesma se formou e evoluiu. Nas páginas que se vão seguir, estudaremos a origem, a evolução e os tipos de vinhedos da outra grande área vitícola do Estado de São Paulo — a região de Jundiaí.

O fato de termos distinguido duas zonas vitícolas em território paulista, examinando-as separadamente, explica-se mais pelas condições históricas e econômicas que presidiram sua formação e desenvolvimento, do que pela existência de condições geográficas especiais. Na realidade, entre São Roque e Jundiaí, não há diferenças fundamentais de clima, relevo e solo capazes de justificar sua separação e individualização como quadros naturais típicos, de que pudessem decorrer soluções diferentes para um mesmo tipo de atividade rural. Um simples exame das condições físicas da região de Jundiaí bastaria para confirmar o que acabamos de dizer. Todavia, no presente trabalho, preferimos eliminar tal estudo, remetendo o leitor interessado à tese de nossa autoria, que se encontra em vias de publicação (2); assim agindo, manter-nos-emos no campo estrito da Geografia Agrária.

Origem e evolução da viticultura jundiaense. — A viticultura, na região de Jundiaí nasceu no quintal do colono italiano, trazido ao Brasil pelas necessidades da lavoura cafeeira. Sua origem repousa em bases diferentes da de São Roque. Seu cultivo iniciou-se com finalidades puramente domésticas. O imigrante italiano não embarcou para o Brasil com o pensamento de cultivar sua gleba; recrutado para trabalhar nas fazendas de café, ele veio para São Paulo com a esperança de possuir, um dia, o seu pedaço de chão. Era isso, porém, apenas uma esperança e, não, um fato concreto que o levasse a trazer seus cultivos para projetá-los na nova terra que o recebia.

Trabalhando nas fazendas de café, com as quais tinha compromissos contratuais, o colono não tinha possibilidades de dedicar-se ao cultivo da vinha. Planta que exige muitos cuidados, não podia esta repartir com o café o carinho do lavrador. Este, por outro lado, tinha para com a fazenda obrigações que o impediam de se dedicar a um cultivo tão absorvente. Daí o seu cultivo em pequena escala, no fundo do quintal.

A vinha, por isso, só começou a surgir na paisagem rural de Jundiaí, como atividade agrícola de certa importância, em fins da primeira década do século atual. À medida que o café recuava na paisagem, a vinha o substituiu.

Consta que o primeiro vinhedo de Jundiaí foi plantado pelo português João Vieira Pontes, em 1854, nas terras onde se localiza, hoje, a estação de Várzea, da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Não encontramos nenhum documento confirmando tal asserção. O que é certo, segundo nos informa Inglês de Souza (3), é sua origem no Núcleo Colonial "Barão de Jundiaí", criado em fins de 1887. Esse núcleo foi instalado nas terras da chamada "Fazendinha", que ficava a três quilômetros da cidade, na direção do leste. Em 1888, ano da libertação dos escravos, esse núcleo já possuía 187 imigrantes italianos. Admirados com o vigor e produtividade das videiras cultivadas em São Paulo, particularmente a labrusca "Izabel", começaram por cultivá-la nos fundos das casas, com preocupação exclusivamente doméstica. Atualmente, a "Fazendinha" do século passado é parte integrante da área urbana de Jundiaí, conhecida pelo nome de Bairro da Colônia. A viticultura, aí iniciada, estendeu-se para as áreas vizinhas. Quem percorre a estrada Jundiaí-Atibaia observa, assim que sai da longa rua que forma o referido bairro, a sucessão de pequenos vinhedos que matizam, com seu verde variegado, as pendentes suaves ou as várzeas secas que se localizam aos pés das colinas.

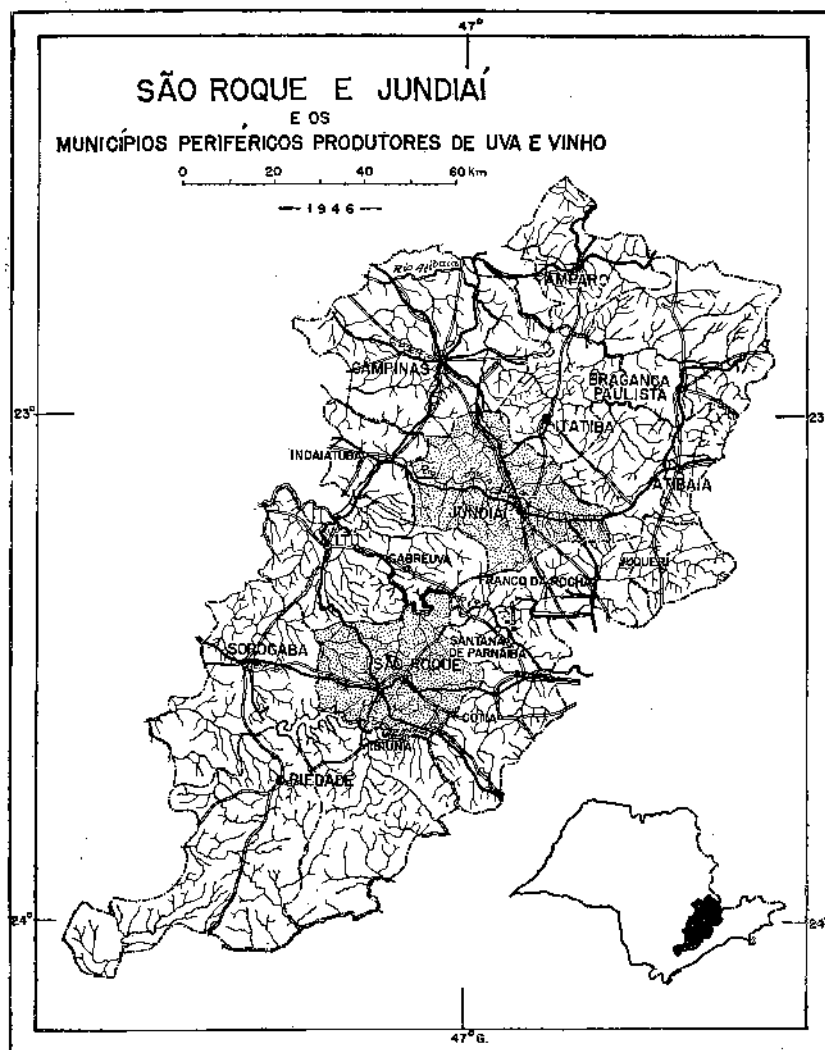


Fig. n.º 1

Em princípios do século atual, a vinha aparecia em 35 fazendas de café. Em geral, os vinhedos aí recenseados deveriam pertencer a colonos italianos, pelo menos em parte, e cultivados pelos mesmos com a anuência ou com a participação do fazendeiro.

A "Estatística Agrícola-Zootécnica", publicada pela Secretaria da Agricultura de São Paulo (4), apresenta uma relação dos viticultores de Jundiaí, em 1904-1905. Por ela, podemos constatar o predomínio de pequenos vinhedos.

No quadro seguinte, elaborado à base desses dados, procuramos mostrar a sua distribuição segundo a área cultivada, salientando numa coluna à parte o tamanho dos vinhedos encontrados nas fazendas de café:

VINHEDOS DE JUNDIAÍ (1904-1905)			
Área em Ha. ocupada pelos vinhedos	Nas Fazendas de Café	Não associados ao Café	Total
— 1	0	0	0
1 a 3	8	26	34
3 a 6	15	6	21
6 a 12	4	1	5
12 a 20	8	1	9
TOTAL GERAL	35	34	69

Tudo nos leva a crer que, nas fazendas de café, a área atribuída a um vinhedo, pela informação estatística, corresponde na verdade a uma série deles e, não, a um único. Daí a importância secundária dos mesmos, na economia pessoal de seus cultivadores. É interessante assinalar, também, que a produção de vinho, embora modesta, era mais generalizada entre os vinhedos não associados às fazendas. A fabricação do vinho absorve muito tempo e o colono, pelos seus compromissos com a fazenda, não podia dedicar atenção especial à vinificação. Das 35 fazendas em que apareciam vinhedos, apenas 6 produziam vinho, em pequena escala.

Fora das fazendas, vamos encontrar 34 vinhedos, ocupando áreas muito modestas. Em sua maioria, correspondem a sítios, como podemos verificar pelo quadro abaixo:

REGIME DA PROPRIEDADE DOS SÍTIOS COM VINHEDOS
Jundiaí (1904-1905)

Área em Ha.	N.º de propriedades
— 1	0
1 a 5	5
5 a 10	11
10 a 25	10
25 a 100	3
+ de 100	5

Das 5 propriedades com mais de 100 hectares, duas eram próprios do Estado. Os pequenos vinhedos que não estavam associados ao café, como os que constam do quadro acima, apareciam em pequenas propriedades. Esses pequenos vinhedos constituíam o ponto de partida da viticultura jundiense. Estavam, em sua maioria, associados ao cultivo do milho e do feijão e seus proprietários, em grande parte, eram ex-colonos das fazendas. O quadro da distribuição por nacionalidade dos 34 proprietários, das propriedades acima referidas, é incisivo a esse respeito:

DISTRIBUIÇÃO POR NACIONALIDADE DAS 34 PROPRIEDADES
COM VINHEDOS NÃO ASSOCIADOS AO CAFÉ

Jundiá (1904-1905)

Nacionalidade	N.º de proprietários
Brasileiros	7
Portugueses	3
Italianos	22
Próprios do Estado	2
Total	34

O colono, depois de alguns anos de trabalho nas fazendas, conseguia acumular alguma economia. Uns dirigiam-se para a cidade, para tentar a vida no comércio. Outros preferiam os trabalhos da terra e compravam seus pequenos sítios, muitas vezes resultantes do retalhamento das próprias fazendas em que trabalharam. Progressivamente, o imigrante foi-se libertando da sua condição de colono para se tornar dono da terra, e, correlatamente, a vinha foi-se impondo na paisagem e na economia rurais do município. O sitiante e o vinhedo surgiram como um só fenômeno resultante da desintegração da grande propriedade cafeeira.

O amanhecer do século XX mostra um quadro muito importante para a história da agricultura de Jundiá. O café procurava novas terras nas frentes pioneiras de então e os sintomas do seu futuro declínio já se esboçavam no rincão jundiense. Seus solos e seu clima não eram os melhores para a cafeeira e, mais para o norte e oeste, a terra rixa era um convite a que os grandes fazendeiros não resistiam. Ao lento declínio do café, correspondia o lento despertar da vinha. A transição foi vagarosa e suave, apesar de profunda e revolucionária. Da viticultura doméstica, de fundo de quintal, passou-se gradualmente para a viticultura em pequena escala, nos sítios. No decorrer dos primeiros vinte e cinco anos do século XX, o processo da evolução vitícola esteve subordinado à concorrência do café, à escassez de capital e às deficiências técnico-culturais dos primeiros ensaios da viticultura.

A partir, porém, de meados do primeiro quartel deste século, as grandes fazendas de café, arruinadas pela crise ou pelo esgotamento dos seus solos, começaram a ser loteadas e vendidas. Os ex-colonos foram os principais compradores e, como decorrência disto, as velhas paisagens do café foram substituídas pela paisagem dos vinhedos. A fazenda de Traviú, por exemplo, situada a NW, numa região de terreno amorrcado, constitui um dos mais belos exemplos da evolução da paisagem rural de Jundiá, nesta primeira metade do século XX. Os cafezais se estendiam sobre as lombadas dos morros, a perder de vista. Hoje, deles, nada mais resta senão o aglomerado de casas da colônia, que lembra o seu antigo prestígio. A vinha os substituiu, ocupando, porém, as bases das encostas e, não, as lombadas onde eles vicejavam. Muitas vezes podemos perceber os limites dos antigos cafezais pelos dos vinhedos, pois, entre uns e outros, os níveis de altitude procurados são diferentes, por causa do problema das geadas.

Visitando a região do Traviú, em 1936, o prof. Pierre Deffontaines teve da mesma a impressão de estar vendo "uma vinha quase mediterrânea bem no meio do Estado de São Paulo" (5). Esta antiga fazenda de café é, hoje, uma área de pequenos proprietários, representados pelos antigos colonos ou seus descendentes. Os pequenos vinhedos aí se sucedem, com suas ruas cobertas de forragem e suas videiras estendendo os sarmentos vigorosos ao longo dos fios de arame.

A região do Traviú/originada pelo desmembramento de uma antiga fazenda de café, não constitui um fenômeno isolado. Outras fazendas tiveram destino idêntico, pelo retalhamento sofrido e pela paisagem surgida em suas terras. Tiveram esta origem as atuais áreas vitícolas de Caxambú, Roseira, Engordador, Baia, Retem-tem, Capiravi, Sapezal, Currupira, etc. Em todas elas, os vinhedos substituíram totalmente a paisagem dos cafezais. Muitas vezes, o "habitat" rural primitivo permaneceu inalterado e ocupado pelos atuais proprietários da terra. É o caso, por exemplo, do Traviú, que Deffontaines descreveu admiravelmente, em poucas palavras: "Entre a verdura, numerosas casas quasi liliputianas, mas admiravelmente conservadas, de paredes pintadas de cores frescas: verde, rosa, azul. No centro dêsse longo povoado de viticultores, de casas espaçadas nas encostas do vale, uma igreja também colorida, ladeada por dois velhos ciprestes. Dir-se-ia alguma região de antiga civilização agrícola, onde o homem de há muito iniciou o seu combate com a terra e acabou possuindo-a integralmente, uma dessas regiões onde a vinha fez do cultivador uma espécie de cidadão da terra" (5).

A viticultura não foi, apenas, efeito da desintegração da fazenda, mas, de certo modo, uma causa que apressou o seu desmembramento.

Podemos verificar que, nas áreas onde as condições de clima e solo são pouco propícias à vinha, a grande fazenda persiste, transformada em terra de pastagem. A região sul-ocidental de Jundiá, por exemplo, apresenta uma paisagem monótona e mesmo triste de extensos campos de "catingueiro", entremeiados com "barba-de-bóde" (*Aristida Pallens*) e de velhos cafezais semi-arruinados. Nas áreas onde a vinha deu-se bem, a propriedade foi intensamente fracionada. A velha estrutura agrária foi, pode-se dizer, visceralmente modificada e substituída pela presença atual do sítio ou da chácara.

Comparando os dados referentes à evolução da área cultivada com a vinha e os do desmembramento das grandes propriedades, verificamos a íntima relação que os une:

EVOLUÇÃO DA ÁREA CULTIVADA COM VINHA

— Jundiá —

Ano	Área cultivada (Ha.)
1904-1905	130
1928	767
1948	2.878

EVOLUÇÃO DO REGIME DE PROPRIEDADE

— Jundiá —

Área em Ha.	1904-1905	1947
— 1	0	915
1 a 5	44	582
5 a 10	39	427
10 a 15	21	280
15 a 25	45	302
25 a 50	80	282
50 a 100	48	150
100 a 200	57	79
200 a 500	60	41
500 a 1.000	15	20
+ de 1.000	16	6
	425	3.023

As relações entre o crescimento da área em vinha e o desmembramento das grandes propriedades são, como vemos, muito claras para que possa pairar dúvidas sobre o seu significado na evolução da paisagem vinhateira de Jundiá. Das grandes propriedades dos Telles, Fonsecas, Novais e outros, surgiram os pequenos sítios dos Mascuculo, Beasta, Agostini, Sagrillo, etc. O crescente domínio do imigrante italiano ou seus descendentes sobre a terra e a paisagem dos vinhedos é claramente assinalado pelos dados seguintes:

VITICULTORES DE JUNDIAÍ

Nacionalidade	1904-1905	1947
Brasileiros	37	484
Italianos e descendentes ...	27	765
Portuguêses	3	13
Espanhóis	0	17
Outras nacionalidades	2	53
	69	1.332

Implantada, como vimos, pela iniciativa dos colonos italianos, alguns anos após sua chegada a Jundiaí, a viticultura evoluiu lentamente até 1930. Seu impulso começou, propriamente, a partir de 1929 em virtude da crise econômica que aplicou, à cafeicultura jundiense, o seu golpe de morte. A marcha do cultivo, entre 1904-1905 e 1949, apresenta a seguinte evolução:

EVOLUÇÃO DO CULTIVO DA VINHA

— Jundiaí —

Ano	Número de pés
1904-1905	400.000
1928	885.000
1939	2.800.000
1948	8.500.000

Tanto o aumento da área cultivada, quanto o do número de pés, continua em movimento ascensional. Ao lado do aumento da área vinhateira, há, também, a preocupação pela melhoria do rendimento médio por pé e hectare. Muitos viticultores preferem obter um rendimento maior dum pequeno vinhedo, evitando a ampliação da sua área cultivada. Pelos trabalhos que requer, é preferível manter um vinhedo menor, mas com bom índice de rendimento. Isto é possível, se se conduz com carinho o parreiral, tratando convenientemente a planta e o solo. Inúmeros vinhedos, que outrora ofereciam rendimento médio da ordem de 1 a 1,5 quilos por pé, passaram a render o dobro. O aumento geral da produção, em Jundiaí, foi sensivelmente afetado por esta técnica agrícola. Este fato, aliás, evidencia que as cifras acima, referentes à evolução do cultivo da vinha, são ainda mais significativas.

Atualmente, o cultivo da vinha representa a principal atividade agrícola do município. É interessante, a este propósito, comparar

alguns dados que mostram o declínio do café e a ascensão da uva na economia rural de Jundiaí:

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DO CAFÉ E DA UVA

— Jundiaí —

Anos	Café (quilos)	Uva (quilos)
1886	2.000.000	—
1904-1905	—	436.852
1913	4.350.000	—
1920	2.990.000	—
1928	—	2.578.170
1935	—	3.483.500
1944	750.000	—
1948	—	10.700.000

O valor da produção agrícola evoluiu paralelamente ao declínio do café e à ascensão da uva na paisagem rural de Jundiaí. Em 1944, o valor dessa produção, segundo a "Estatística Agrícola" do Departamento Estadual de Estatística de São Paulo, era o seguinte, para cada um dos principais cultivos do município:

VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

— Jundiaí —

Produto	Valor (Cr\$)
Uva	22.500.000,00
Café	3.000.000,00
Algodão	2.730.750,00
Batata Inglesa	1.650.000,00

Esses dados resultam de estimativas feitas pelos técnicos do Departamento de Estatística. Para o caso da uva, fizeram o cálculo na base de Cr\$ 1,50 por quilo para uma produção estimada em 15 milhões de quilos. As informações, que obtivemos nos organismos oficiais ligados à viticultura, indicam para a uva, nessa época, o preço médio de Cr\$ 3,00, preço do produtor, e uma produção da ordem de 8.000.000 de quilos, menor, portanto, do que o da estimativa. Esta última circunstância, todavia, não invalida o valor estimado para a produção vitícola, uma vez que o preço unitário que serviu de base para os cálculos foi inferior ao que realmente prevaleceu na safra de 1944.

A viticultura de Jundiaí, frizados de passagem, é em grande parte dedicada à uva de mesa e daí o seu maior valor unitário do que em São Roque, onde é orientada para a vinificação.

A viticultura constitui, atualmente, portanto, o fundamento da economia rural de Jundiáí. A longa evolução, cujas raízes estão no quintal da casa do colono italiano, ainda continua em marcha. Os sintomas do seu crescimento são visíveis a quem percorre os caminhos que conduzem ao interior da zona rural.

Tipos e repartição dos vinhedos. — Como tôdas as tentativas vitícolas levadas a efeito em São Paulo, a de Jundiáí baseou-se, inicialmente, na uva "Izabel". Posteriormente, foi esta sendo substituída por outras variedades, especialmente pela "Seibel 2". A "Niágara", que começou a ser cultivada há cêrca de 25 anos, constitui, hoje, a vidreira mais importante dos vinhedos jundiáienses. Outras variedades, como a "Jacques", "Folha de Figo", "Seibel 10.096", "Riesling", "Hebermont", etc. são também cultivadas, embora em pequena quantidade. No vale do Jundiáí-Mirim, o sr. Mojola cultiva, em seu pequeno sítio, variedades européias da "vitis-vinífera", com resultado muito satisfatório; seu sítio é um pequeno e maravilhoso micro-laboratório de experiências ampelográficas, a que o proprietário dedica extraordinário carinho. Seu pai, o velho Mojola, que aí se estabelecera em 1887, transmitiu-lhe, como herança, o sítio que possui e uma profunda dedicação à vinha.

Em Jundiáí, distinguimos três tipos de vinhedos: os dedicados exclusivamente à produção de uva de mêsá, os orientados apenas para a vinificação e os mistos (que, aliás, são em pequeno número). Nos vinhedos do primeiro tipo, a uva dominante é a "Niágara" rosada e a branca. A "Niágara" rosada originou-se por mutação da "Niágara" branca ocorrida, em 1934, no vinhedo do sr. Carbonari, no Traviú, e constitui, por assim dizer, uma variedade jundiáiense. Nos vinhedos orientados para a vinificação, domina o híbrido "Seibel 2". A uva "Izabel" aparece em porcentagem muito reduzida nos vinhedos jundiáienses. Segundo dados fornecidos pela Estação Enológica de Jundiáí, foi a seguinte a porcentagem de uvas esmagadas, em 1949, para a produção de vinho:

UVAS ESMAGADAS PARA A PRODUÇÃO DE VINHO

Jundiáí (1949)

Variedades	Porcentagem
Seibel 2	88,31
Niágara	3,56
Izabel	2,69
Jacques	1,50
Diversas	3,94
Total	100,00

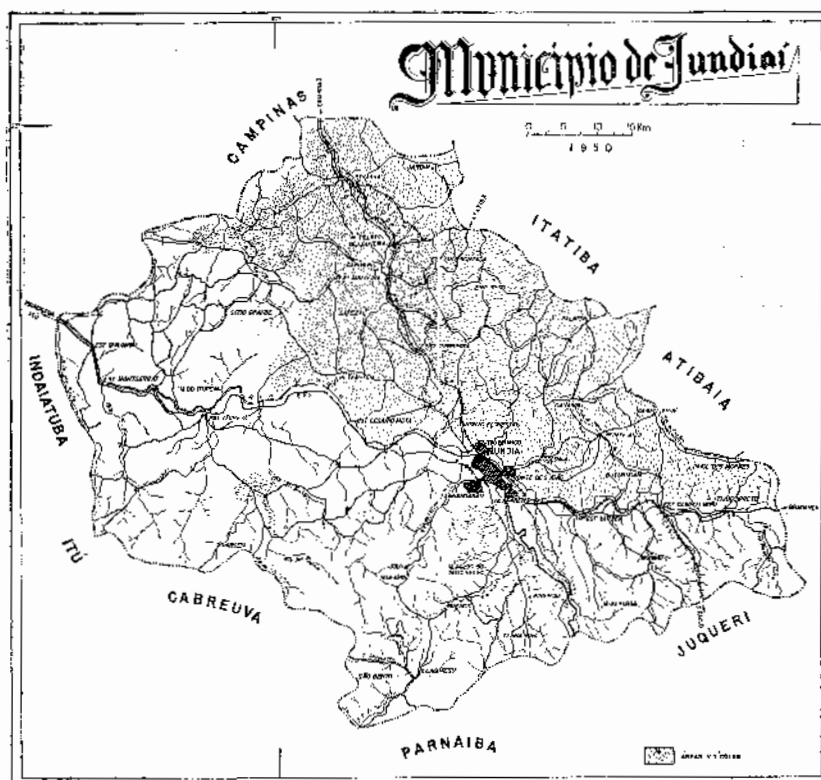


Fig. n.º 2

Estes dados revelam que a estrutura dos vinhedos jundiaíenses difere dos de São Roque, onde a "Seibel 2" e a "Izabel" se equilibram em porcentagens mais ou menos iguais.

O terceiro tipo de vinhedo representa uma associação entre a produção de uvas para vinho e de uvas para mēsa. Nēsse tipo de vinhedo, o que predomina, regra geral, é a produção vinícola, sendo a de uvas de mēsa uma atividade subsidiária.

A viticultura de Jundiaí revela assinalada tendēncia para o abandono gradativo das uvas de vinificação, em favor das de mēsa. Apenas as grandes propriedades viti-vinícolas mantēem vinhedos com

a "Seibel 2", para atender às suas próprias necessidades. São motivos puramente econômicos, que estão provocando a modificação dos vinhedos. O pequeno viticultor tem sempre, diante de si, dois problemas: fabricar o vinho e ser vencido pela concorrência dos produtos sul-riograndense ou vender a uva por preço irrisório ao grande fabricante e ser, assim, mal recompensado na dura luta sustentada durante o ano. Para esses dois problemas, a solução é sempre uma só: abandonar o vinho e a uva vinícola em favor da uva de mesa, sempre mais lucrativa. Hoje, a "Niágara" é a uva dominante e característica da pequena propriedade vitícola, enquanto a "Seibel 2" é a dos grandes vinhedos.

Embora não existam áreas ou setores perfeitamente definidos, conforme o tipo de vinhedos que possuem, dado o caráter de mosaico que apresentam, podemos, todavia, distinguir pequenas zonas em vias de definição do seu destino vitícola. São, assim, por exemplo, as áreas do Traviú, do Jundiá-Mirim, de Roseiras, de Vinhedo (Ex-Rocinha) e de Currupira, onde a uva de mesa começa a predominar nos vinhedos. A vinha vinícola aparece no Caxambu, no Castanho, no Palmital, etc.

A grande área vitícola localiza-se na porção oriental do município. Seu limite, a oeste, pode ser dado, "grosso modo", por uma linha oblíqua, que, partindo do meridiano de 3° 50' W do Rio de Janeiro em direção do de 3° 40', corta o município de NW para SE. Para oeste dessa linha, a viticultura se restringe, praticamente, a um único vinhedo (Quinta do Pinhal), que, embora estando no município de Cabreúva, pertence por sua origem, seus proprietários e sua economia à paisagem vitícola de Jundiá.

Ao contrário do que ocorreu em São Roque, onde cada uma das áreas vitícolas se originou de condições humanas mais ou menos particulares, em Jundiá um só processo orientou a formação e repartição dos vinhedos: a progressiva ruína das fazendas de café, onde o colono italiano dominava como mão-de-obra. As áreas vitícolas do Castanho, Caxambu, Roseiras, Nova Triste, Palmital, Jundiá-Mirim, Currupira, Traviú, Sapezal, etc. tiveram uma só origem e evoluíram ao longo de uma linha comum. Há, entre elas, todavia, áreas que poderíamos considerar mais favorecidas e que, por isso mesmo, evoluíram mais rapidamente que outras menos favorecidas: pertencem ao primeiro grupo às do Traviú, Caxambu, Roseiras, Castanho e Currupira.

O vale do Traviú, marginado atualmente pela Via Anhanguera, representa a mais bela paisagem vitícola de Jundiá, pelo arranjo e



A pequena propriedade vitícola na região do Traviú. Nestas propriedades só se cultiva a vinha de mesa, dentre as quais domina a "Niagara" rosada. (Foto do autor)



Aspecto da "ferragem" dos vinhedos, amplamente praticada pelos viticultores de Jundiá. (Foto do autor)

extensão dos seus vinhedos. Quem o atinge pelo caminho municipal, que passa por Retem-tem, fica surpreendido com os extensos e bem cuidados vinhedos que se sucedem ao longo do amplo vale, suavemente abaulado, que morros cobertos de eucaliptos ou capoeira la-deiam, interceptando o horizonte. Uma estrada, que mais parece uma rua em gestação, separa os vinhedos das pequenas casas que, espaçadas, parecem sentinelas de alerta ante os vinhedos que se estendem à sua frente. Esta paisagem não constitui todo o Traviú. Seguindo a estrada que, na altura da Chácara Carbonari, se desvia para a direita, rumo à Via Anhanguera, atinge-se o núcleo antigo da colônia, onde uma pequena igreja branca, no alto da colina, preside e orienta os que aí trabalham a terra, transformando-a num outro maravilhoso quadro de vinhedos viçosos e bem arranjados, que encanta o olhar do observador.

A paisagem dos vinhedos do Traviú iniciou-se com o pequeno vinhedo da fazenda, plantado pelo colono italiano. Foi Antônio Carbonari, chegado ao Brasil em 1893, quem começou o plantio da uva. Oriundo do Tirol italiano, de onde saiu por força de uma grande inundação que prejudicou seus haveres, aqui trabalhou na fazenda de café até obter recursos para adquirir seu próprio pedaço de chão. Estabelecido no Traviú, atraiu outros conterrâneos seus e, juntos, foram elaborando essa paisagem quasi mediterrânea, que impressionou fundamentalmente o prof. Deffontaines.

O Traviú não pratica a vinha vinícola. Os vinhedos são formados apenas pela "Niágara" rosa e branca. A "Niágara" rosada, como já dissemos, é originária deste bairro, onde se formou por mutação. Cada viticultor possui, em média, de 8 a 10 mil pés cuidadosamente tratados pela família. A Chácara Carbonari, que é a mais antiga, ocupa uma área de 24 hectares, dos quais apenas 5 são ocupados pela vinha. Seu vinhedo, em 1950, possuía 12 mil pés de uva, dos quais a maioria era representada pela "Niágara" rosada. Sua chácara representa o tipo padrão da viticultura do vale, onde os antigos vinhedos de "Izabel" foram integralmente substituídos pela nova variedade, hoje dominante. Atualmente, a área do Traviú apresenta franca vocação para a monocultura da uva.

Para o norte, na *região de Vinhedo* (Ix-Rocinha), a vinha se apresenta associada a diferentes atividades rurais. As influências de Campinas põem uma nota de originalidade na paisagem vitícola



As Fazendas "Pinhal" (em cima) e "São João" (em baixo) dão uma idéia do tipo de vinhedo industrial em desenvolvimento na região vitícola de Jundiá. A vinha, apesar de dominante, não é exclusiva na paisagem. Estas fazendas dedicam-se também ao plantio de eucaliptos e de árvores frutíferas diversas. (Fotos Traldi)

desta área, onde vamos encontrar os vinhedos entremeados de pastagens e estábulos, dedicados à criação de gado leiteiro. Aparecem, associados a grande número de vinhedos, os produtos que constituem a riqueza de Valinhos, como a cultura do figo. Atingindo-se a estrada velha de Campinas, pelo caminho que sai do Traviú, encontramos às áreas vitícolas de Louveira e Curupira, que representam o prolongamento, para o sul, das vinhas de Vinhedo. Os vinhedos ali são também formados à base da "Niágara" e orientados para a produção de uva de mesa. Lá existem algumas velhas fazendas que, procurando acompanhar a evolução da economia agrária regional, associaram a vinha ao café. A associação da vinha ao café, à banana e, mesmo, à cana de açúcar não constitui, nesta área, fenômeno isolado. É uma associação original, que aparece em outras partes da região, como em Nova Trieste.

Partindo na direção de Atibaia ou Itatiba, atravessamos a área mais importante de Jundiaí. Em virtude das feições do seu relevo, porém, é a menos perceptível na paisagem. Ali dominam os três tipos de vinhedos que caracterizam a viticultura jundiaíense. Na *área do Cavembú*, vamos encontrar uma paisagem que lembra a do Traviú pelo arranjo dos vinhedos e pela disposição das casas, que se destacam, ao longe, pela brancura de suas paredes. Desenvolvem-se, lado a lado, a vinha vinícola e a vinha de mesa. Entre os dois tipos aparece o vinhedo misto. Como o Traviú, esta era uma antiga fazenda, hoje ocupada por pequenos proprietários que se dedicam à vinha. A Chácara Cerezer representa o tipo padrão da pequena propriedade viti-vinicola de Jundiaí. O seu vinhedo, constituído por 30 000 pés, ocupa um pequeno trecho da várzea do médio Jundiaí-Mirim, ladeada de colinas que a protegem dos ventos úmidos de SE. Para a produção do vinho, o proprietário da chácara compra uva aos pequenos viticultores da região, visto ser insuficiente a quantidade produzida pelo seu próprio vinhedo. Com a evolução para a vinha de mesa, porém, a atividade vinícola da chácara vem sendo prejudicada pela escassez de uvas para vinho. A chácara está começando, por isso, a ampliar o seu vinhedo. Este fenômeno é generalizado e todos os produtores de vinho, que dependem de outros vinhedos, começam por ampliar os seus, afim de não serem surpreendidos, no futuro, pela falta de matéria prima necessária à sua indústria.

Para nordeste, na direção de Itatiba, os vinhedos continuam a dominar na atividade rural dos sítiantes. Lá encontramos uma antiga fazenda de café, atualmente dedicada ao cultivo da uva: a Fazenda

Conceição. Não mudou de proprietário. Tendo-se dedicado exclusivamente ao café desde fins do século passado até 1929, passou dessa data em diante a cultivar a vinha. Da monocultura do café passou para a monocultura da uva. Atualmente, possui cerca de 100.000 pés, que são tratados por mcação. Até 1948, a produção de uvas era vendida aos fabricantes de vinho da região; mas, a partir dessa data, a uva começou a ser vinificada na própria fazenda. O antigo edifício de beneficiamento do café foi aproveitado para a instalação da cantina e o antigo terreiro é, hoje, usado para pôr a bórria do mosto a secar, a fim de se obter tártaro. A produção atual de vinho varia de 220 a 250 mil litros por ano. A casca da uva, após a fermentação do mosto, é retirada e prensada para a extração dos resíduos, que são aproveitados na produção de "bagaceira".

A Fazenda Conceição é um símbolo de duas épocas da história agrícola de Jundiá. Não possui mais café; a sua marca, porém, está na paisagem da fazenda, pela casa da sôde, pelo terreiro de secagem, pelos edifícios da tulha e beneficiamento e pelo que resta da antiga colônia: alguns arruinados edifícios, onde residem os meeiros da uva. A vinha foi plantada nas antigas terras de pastos, que se estendiam até o fundo da casa residencial. Ao contrário do café, que matizava os espigões distantes, aquela veio estender seus sarmentos e produzir seus frutos junto à casa da fazenda. As transformações da paisagem rural operadas na fazenda não afetaram, porém, os hábitos e costumes do atual proprietário. Sua mentalidade é, ainda, aquela do nosso velho e clássico tipo de fazendeiro, que faz da sua lavoura uma simples empresa comercial. Residindo em São Paulo, deixa o vinhedo aos cuidados do meeiros. Não tem aquele apêgo, que o modesto viticultor italiano revela pelo seu vinhedo. Sua única preocupação, que o liga à planta, é a do lucro que lhe pode dar. O vigor e o destino do vinhedo estão nas mãos do meeiro e, se este não for escrupuloso ou apegado à vinha, ela poderá vir a perecer. A Fazenda Conceição representa uma modalidade de viticultura influenciada pela tradição rural do café e constitui, em Jundiá, ao que sabemos, seu único exemplo.

Entre Jundiá e Nova Trieste, além da região do Caxambú, a viticultura se desenvolve com feições menos maciças, mas nem por isso menos importantes. Ao longo dos 20 km., que separam as duas cidades, uma sucessão ininterrupta de pequenos sítios associam, a cultivos diversos e tradicionais, o da uva. Nova Trieste (ex-Jarinú) é um município recente (1948), desmembrado do de Atibaia. O elemento de origem italiana é dominante na população e sua presença na região está ligada às antigas fazendas de café. A viticultura aí é relativamente nova e baseia-se na produção de uvas

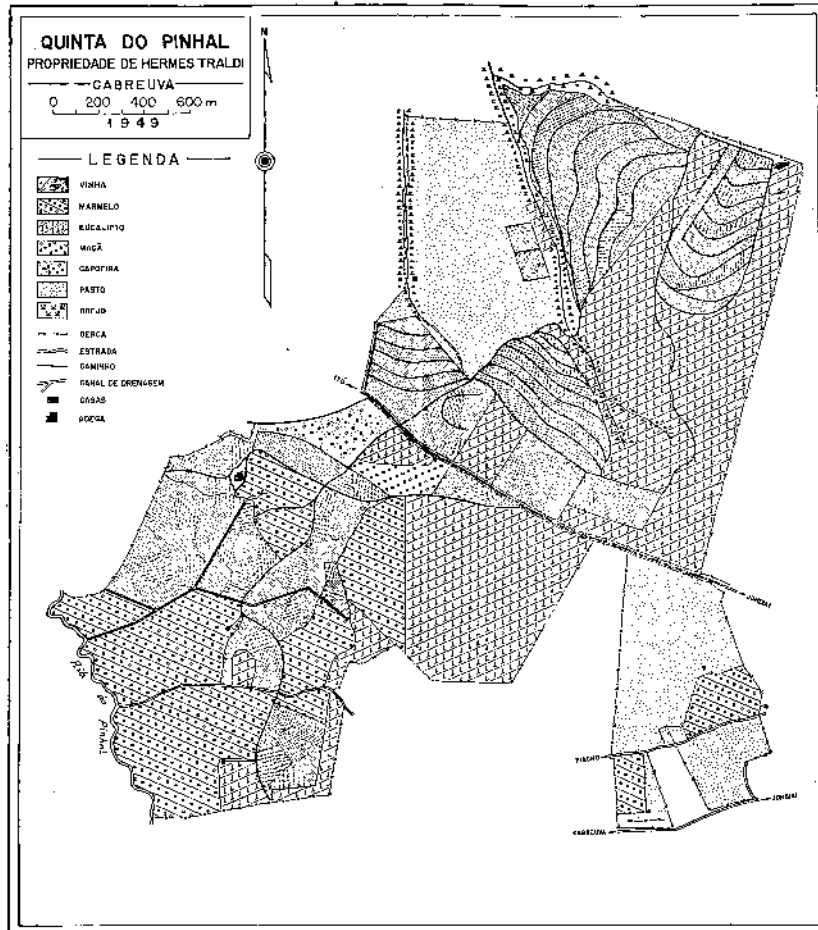


Fig. n.º 3

para vinho, que são vendidas às grandes indústrias vinícolas de Jundiaí, como a Antártica, Traldi, de Vecchi, etc. Nesta área, é muito frequente o cultivo de milho entre as “ruas” do vinhedo. Esta modalidade de associação representa um outro tipo de herança das velhas técnicas agrícolas da lavoura cafeeira.

O grande vinhedo associado à indústria vinícola é representado pela *Quinta do Pinhal*, situada pouco além das fronteiras de Jundiaí, em terras do município de Cabreúva. A área total cultivada com vinha, nessa propriedade, é de 96,8 Ha., nos quais vicejam cerca de

310.000 pés de uva. A "Seibel 2" é a variedade dominante, representada por 200.000. Seguem-se-lhe, em importância a "Niágara" e outras variedades de "Seibel".

O vinhedo começou a ser formado em 1945 nas terras sulcadas pelo ribeirão do Pinhal. A escolha do local, para o estabelecimento dos vinhedos, foi orientada pelas condições geográficas: grande luminosidade, menor índice de chuvas que nas áreas circundantes e solos fôfos. A Serra do Japí, que emoldura ao sul a referida chácara, protege-a das nuvens baixas, dos nevoeiros e da cerração. Parte dos vinhedos estende-se sobre uma várzea, que era semi-pantanososa, e a outra ocupa o solo salmourão das colinas esbatidas. O pH é ativamente corrigido por calagens, enquanto que pela adubação se procura corrigir sua fertilidade. Não obstante o cuidadoso tratamento aplicado aos diferentes tipos de solo, o das encostas, do tipo salmourão, produz uvas que apresentam melhores e mais sádios grãos. O rendimento médio varia com a natureza da uva: a "Seibel 2" é a mais produtiva, atingindo média superior a 3 quilos por pé. Toda a produção é vinificada na própria chácara, sendo o vinho enviado para o depósito central da firma, em Jundiá.

Apesar da base eminentemente industrial que sustenta os vinhedos da Quinta do Pinhal, esta não é monocultora. A utilização da terra orienta-se, nos trechos menos propícios à vinha, à fruticultura em geral. Atualmente, existem em cultivo 20.000 marmeleiros, laranjas, pêssegos e 300 macieiras das variedades "Ohio Beauty", "Rome" e "Jonathan", cultivadas em fase experimental. 120.000 eucaliptos, plantados em vários talhões do vinhedo, protegem-no das fortes rajadas que sopram do sul. Sua função é essencialmente a de quebra-ventos.

Os trabalhos da Quinta do Pinhal são realizados por empregados fixos e móveis. Um administrador, supervisionado pelo proprietário, dirige todos os trabalhos ligados à produção agrícola e industrial da chácara. Na época da vindima são contratados trabalhadores avulsos entre os pequenos sítiantes das imediações. Ao contrário do que ocorreu em Mailasqui, onde a "Cinzano" provocou o aparecimento de uma viticultura dependente da sua capacidade de produção, a Quinta do Pinhal não suscitou o mesmo fenômeno, apesar da insuficiência atual dos seus vinhedos no suprimento de uvas para a vinificação. A firma proprietária da Quinta do Pinhal compra uva aos pequenos viticultores da porção oriental do município, uvas essas que são vinificadas em Jundiá. O fato de não se ter desenvolvido, na região do Pinhal, uma área vitícola comparável a que se desenvolveu em derredor da Fazenda "Cinzano", demonstra que essa região não é das mais propícias à vinha. Os vinhedos da Quinta do

Pinhal sobrevivem graças à orientação técnica e aos recursos financeiros dos seus proprietários. O pequeno viticultor, porém, não dispõe desses elementos e deve contar quase que exclusivamente com os "dons" da natureza.

A Quinta do Pinhal, como a fazenda Progresso, a Fazenda Tamaro, Rogero e outras de Jundiá, assemelha-se, em muitos aspectos, à Fazenda "Cinzano". São propriedades vitícolas de grandes recursos, ligadas aos industriais do vinho e ocupam extensas áreas em cultivo, exigindo mão de obra relativamente numerosa. Representam o início de uma nova fase da evolução viti-vinícola paulista.

BIBLIOGRAFIA

1. LINO DE MATTOS (Dirceu) — *Contribuição ao estudo da vinha em S. Paulo. (A Região de S. Roque)* — Bol. Paul. de Geogr., n.º 4, março de 1950, pgs. 27/47.
2. LINO DE MATTOS (Dirceu) — *Vinhedos e Viticultores de S. Roque e Jundiá.* -- Tese de concurso, apresentada à Fac. de Filos. da Univ. de S. Paulo, em dez.º de 1951 (inédita).
3. INGLÊS DE SOUZA (J. S.) — *Encontro com o sitiante de São Roque* — "Estado de S. Paulo", 29.12.48.
4. *Estatística Agrícola-Zootécnica* — Secr. Agric. Com. e Obras Publ., S. Paulo, 1904-1905.
5. DEFFONTAINES (Pierre) — *Entre os vinhateiros de Jundiá* — Bol. Geogr., C. N. G., Rio de Janeiro, v. 59, fev. 1948.